



SOMBRAS SOBRE O RIO

RONALDO CAGIANO

*Este é o teu rio, a tua casa, o teu equívoco,
a tua morte, o que te esquecerá.*
Luis Quintas

Agora eu sei que aquilo se chamava partida: as silhuetas que eu via nas águas do rio Pomba quando cruzei a Ponte Velha levando meu irmão à última morada.

Era uma caminhada sem sentido, o rosto grave das pessoas, o silêncio dizendo tudo, a solenidade nos gestos e olhares, e a gente, todos saturados de inconformidade, realizando um trajeto que nunca escolheu.

Eu não me esqueço como badalava em mim o poema de João Cabral: “este rio/ está na memória/ como um cão vivo/ dentro de uma sala”. Uma sentença que me lembraria para sempre o dia mais longo de nossas vidas, que se confundiam com a que ali seguia, inerte, diante da inexorabilidade da indesejada das gentes. As Parcas, mais uma vez, sócias fiéis de Chronus, deram as cartas e de forma alguma eu conseguia entender de que barro somos feitos.

Quanto de mim seguia junto com aquele féretro.

A sensação de desconforto íntimo começou quando o caçula foi me buscar ao sopé do Morro do João Peixe e eu tive que interromper o jogo da amarelinha e descer correndo os paralelepípedos da Granjaria, em meio à fita de cetim da sapatilha que, desamarrada, bailarinava ao vento, num balé confuso, tão perdida como eu no burburinho de pensamentos sinistros e difusos que me acompanhariam até em casa, onde cheguei sem saber ao certo por que mãe me chamava naquela hora.

E tudo se acentuou e ficou mais claro, quando a alguns metros da varanda eu a vi de costas encoberta pelo caótico desespero de uma fala entrecortada de gritos, inútil tentativa de entender porque alguém saiu para não mais voltar.

O luto expresso em cada rosto, dos meus e dos que traziam a parcela mínima, mas inesquecível, do adeus, fazia a coorte daquele momento em que um destino foi cortado ao meio, mas a faca incisiva habitava a nossa carne e antecipada um crepúsculo sem fim.



O leito lá embaixo, nossa atenção imersa nas linhas tênues dos corpos cravando silhuetas na serpente líquida, que seguia seu destino imune à falta de sentido na vida e no seu fim, reflexos da transitoriedade de tudo. Passava apressado esse rio outro, como o ser que era conduzido, tão cedo fatigado de uma existência e seus anseios de fabulosa extensão.

E com constrangimento e dor, os que ficaram não entendiam ainda o sorriso interrompido, a felicidade interdita por um acidente. A ilha dentro de nós bloqueando os sonhos, a colher travada na boca, um filho que nunca soube além de um horizonte partido, porque engatinhava no absoluto da existência, buscando no entretempo de suas convicções todos os tempos de uma vida. “Uma vida que poderia ter sido e não foi”, como me confidenciou o poeta sobre as lições dos aeroportos, das estações de trem, dos terminais que decretam despedidas, a lógica de não ser visto, de ser o silêncio, o nada e a invisibilidade após a curva, tão compulsórios e injustos, porque maior equívoco não há que drenar um sonho mancebo na pista criminosa de uma via desconhecida, onde somos clandestinos num destino qualquer ou sem destino nenhum.

Ali eu morri todas as mortes, e tantas vezes multiplicada a certeza de sua intangibilidade naquele séquito entre a capela e a necrópole. Mas os espectros que se escalonavam na água informavam de um entardecer maior em nossas histórias, véspera de uma noite que não saberíamos medir, mas que abrigaria suas traições antes mesmo de o galo cantar.

Aquelas sombras ainda estão me olhando e decretando um afogar nas águas do esquecimento, onde navegam equívocos de mãos dadas com Caronte, esse Lete redivivo, essas sombras ainda me olham com a mesma contemplação de meu irmão quando semeou seus versos num saco de padaria, antevendo que o fermento hierático de sua doida esperança não seria renovado a cada dia, como um alimento para os que ficaram, porque seu tempo não admitia disfarces, o café quedaria frio na xícara numa mesa qualquer da casa, o cão Getúlio e seu olhar sem festa para a bicicleta muda ao canto, os jornais empilhados à espera da entrega, o pé de amora esquecido pela menina que fazia dele sua torre de marfim, a desonra do espanto na face de tantos que regressariam depois de solenizar o corpo à terra, amalgamada com o húmus de lágrimas conhecidas ou de prantos espontâneos, as pernas pânicas de minha mãe procurando apoio, a primeira derrota em nossa abundante história familiar, enquanto meu pai despachava seu olhar para um mundo distante, tentando compreender o deserto irreconhecível que habita todas as perdas.

Ele não precisava ir embora, muito menos naquele domingo de sol pálido, esconsos mistérios e notícias tristes. O céu podia esperar, porque havia outras urgências a corrigir.



Aquelas sombras ainda vigoram em mim. Sobram-me como fantasmas alados. E se me povoa a tragédia do mano que se foi há tanto tempo naquela tarde de um mês esgarçado em Cataguases, todos nós, feito árvores no outono, despovoadas e esqueléticas, pulsa-me na lembrança um outro dia, quanto escrutinava a beleza poética da morte com um amigo. Foi num agosto que os anos já varreram. À beira do Paranoá, Juliano, que também perdeu um irmão (vitimado pela tristeza das células linfáticas que penetraram a corrente sanguínea e o matou em dias), por não querer testemunhar o seu sepultamento, optando por guardar a última lembrança de Marcelo ao invés de entregá-lo ao Campo da Esperança (preferindo a curva da estrada, onde tudo desaparece sem deixar vestígio), confessou-me: “A vida é um bom lugar para morrer, meu caro. Um dia disse isso à minha namorada, nesse mesmo lugar, entre as ruínas e esqueletos desse hotel que afugenta nossos olhares na outra margem desse lago. Eu-ela, embasbacados pelo róseo pardacento de uma tarde que se de(s)compunha sobre o altiplano de Brasília, sentados numa pedreira e mirando um horizonte em febre, ocorreu-me que ali também era um bom lugar para morrer. Se eu fosse sozinho àquele lugar e me jogasse despenhadeiro abaixo, jamais alguém daria conto do meu corpo, a morte ideal e que a mim ocorreria muito bem.”

Essa sombra agora é maior dentro de mim. Agora eu sei que se chama saudade. E foi escrita com a caligrafia torta de Deus.